

O COMMERCIO DO MINHO

FOLHA RELIGIOSA, POLITICA E NOTICIOSA.

REDACTOR—D. MIGUEL SOTTO-MAYOR

PREÇO DA ASSIGNATURA

12 mezes, com estampilha 2\$400—12 mezes, sem estampilha 1\$800—Brazil, 12 mezes, moeda forte 4\$200—Avulso 20 rs.

PUBLICA-SE ÀS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS

PUBLICAÇÕES

Correspondencias partic. cada linha 40—Anuncios cada linha 20—Repetição 10 rs.—Assignantes, 20 p. c. d'abatimento

BRAGA—30 DE DEZEMBRO

Uma das provas mais decisivas em favor da religião catholica, é a guerra systematica, que em todos os tempos, e por toda a parte, lhe tem sido movida!

Emquanto as demais crenças religiosas passam como indifferentes á critica, só o catholicismo tem provocado as mais acaloradas disputas que o espirito humano póde sustentar.

No meio, porém, d'este alarido de vozes que de todos os lados surgem a combatel-a, occorre subita uma ideia, que naturalmente preoccupa o homem pensador.

Qual a razão porque só o catholicismo suscita odios, suggere difficuldades e accusações?

O homem é naturalmente religioso.

A necessidade de uma lei divina, que impondo aos povos deveres sagrados, os vincule a um Ser supremo, está bem gravada na consciencia de todos.

O coração humano quer, pois, uma religião.

Constitue ella como que o complemento de suas aspirações, não vive sem ella, e se lha não dão, fórma-a por si, visto que no sentimento religioso é que consiste o principal elemento de sua vitalidade.

Este sentimento porém não está só. Acompanham-n'o ruins tendencias, que, illudindo o espirito em seu constante ascender para o infinito, arrastam de continuo o homem para o jogo das paixões.

E' a obsecação da intelligencia produzida pelo desvairamento do coração.

Toda a guerra que o catholicismo tem soffrido, as perseguições todas de que ha sido objecto, não conhecem outra causa.

E' a lucta das paixões contra o imperio da verdade para a avassalarem aos seus caprichos.

E' a revolta do coração, quando depravado por suas más inclinações, procura dar a seus desvarios uns fóros que a verdade lhes recusa.

Como pois não acontecer, que a religião catholica, unica intransigente sempre com o erro, soffra as consequencias da sua tenacidade em defender a pureza de sua doutrina?

Porventura teria ella contra si os inimigos que não cessam de combatel-a, se lhe fosse possível sancionar-lhes a extra-

vagancia, que elles constantemente proclamam?

Não de certo; mas n'este caso a tolerancia que muita gente insensatamente lhe pede, custar-lhe-hia os mais bellos titulos da sua grandeza.

Deixaria de ser divina, para se tornar sympathica ao vicio.

Perderia a realza da verdade, em troca das vãs adulações do erro.

Embora, pois, a doçura de suas praticas, a suavidade até nas expiações que prescreve, ella terá sempre contra si o odio das inclinações torpes e depravadas.

Mas essa lucta, assim perseverante, é para o catholicismo o seu maior titulo de gloria.

Bem ao contrario do que acontece com as demais religiões que, para se fazerem accitar, facilmente se amoldam a todas as loucuras do espirito e do coração, só a religião catholica não transige, embora essa intransigencia lhe custe provações de todo o genero.

Ha dezoenove seculos que elles vem luctando com as contradicções.

E não obstante é por essas contradicções passadas, que ella se apresenta aos que ainda hoje a contradizem, repetindo lhes as palavras de seu divino Fundador—Sou a verdade.

Não poderão dizer o mesmo, ainda que não tenham sustentado luctas iguaes. o Brahmoismo, por exemplo, que exige a vida da esposa em compensação da lubricidade concedida aos que o professam; nem o Mahometismo que auctorisa o serualho dos Huris, para receber como retribuição as intoleraveis praticas do Romanão.

E se d'aqui subirmos até ás seitas protestantes, quem dirá que esteja n'ellas a verdade, só porque tem adquirido a paz em que vivem a troco das paixões que acariciam?

Não admira, pois, que a religião catholica seja a unica a supportar o embate de tantas e tão repetidas objecções.

E' a prova mais clara de que está n'ella a verdade, que o homem, quando prevertido, quasi sempre repelle.

E a sua resistencia heroica aos repetidos assaltos, dirigidos aliás por grandes genios, não demonstra só, como diz um profundo philosopho christão, a inutilidade dos ataques e a firmeza do edificio, mas a presença do proprio Deus no mesmo edificio.

M. MARINHO.

FOLHETIM

O CASTELLO DE S. JOÃO DA FOZ

Ha 298 annos que a rainha regente D. Catharina mandou ao Porto João Gomes da Silva com a missão de fortalezar as costas maritimas d'esta cidade. O documento d'esta mensagem está no archivo municipal, a f. 142 do Livro 1.º das Chapas.

Começou João Gomes da Silva a fortaleza de S. João da Foz. Parece que o Porto, mais commercial que bellicoso, não se prestou voluntariamente ás despesas da edificação. O enviado não era homem de contempações: embargou e sequestrou logo as rendas da cidade e o rendimento das imposições. O senado reagiu requerendo, e vingou que, no anno seguinte de 1571, fosse levantado o sequestro, e desembargo o remanescente dos impostos, obrigando-se a pagar reis 120\$000 cada anno para mantimento do

capitão, bombardeiro e homens de armas da nova fortaleza.

Aquelles 120\$000 reis eram pagos pelo rendimento do imposto do sal de 3 reis em raza, com ressalva de que se pagariam por outras imposições, havendo quebras nas sizas.

Eu não sei que imposto paga presentemente o sal.

E' preciso que o governo desconheça isto. O discreto leitor saiba e guarde segredo.

Obrigou-se mais a cidade a mandar concertar os telhados da fortaleza, isemptando-se de pagar 10\$000 reis ao capitão e aos soldados. Ora, como o povo se torcesse de pagar os 3 reis em rasa de sal, encostando-se ao sofisma de não haver provisão de tal medida, foi mister, em 1601, decorridos já trinta annos de contendas entre o governo e o senado, que o rei intruzo rubricasse um alvará em que manda pagar sem excepção de pessoa.

A camara, já forçada pela pressão dos

A «Nação» publica o seguinte magnifico artigo, que pedimos venia para transcrever para as nossas columnas. certos de que com isso agradaremos aos nossos leitores:

Debaixo do titulo—*Mais reflexões politicas*,—escreve o nosso estimavel collega, o «Conimbricense», um longo e interessante artigo, que se o nosso faro não nos engana, pela analyse das modernas e combinadas revoluções em Hespanha e no nosso paiz, dá proxima transformação de republica nos dois reinos depois de ter rebentado na Italia, onde a monarchia,—e aqui vae o collega dar uma grande gargalhada,—se tem conservado pela influencia de Garibaldi, que, simulando-se republicano, para ter as redeas á revolução, tem sido o Rabagaz da Italia.

Acredite, collega, que quando se deita a unha a milhões e de carneiro e pirata se passa a ser o *general Garibaldi*, não se é republicano; póde-se fingir, representar bem o papel na comedia democratica;—quer-se subir, mas não descer.

E' cousa singular!

Nunca nenhum d'estes democratas vem occupar o posto que occupava! Desde que calçam botas, já não se contentam senão com carruagem e de boas molas! Não vê como o nosso Gambetta se pavoneia no seu palacio e refórma as sedas e tapetes do seu hotel da Presidencia?

O nosso estimavel collega, descrente á vista dos enormes abusos commettidos pelos governos liberaes, prevendo uma grande transformação politica, faz a seguinte pergunta:

«Para onde marchará a sociedade? Será para o absolutismo ou para a republica?»

Emquanto ao absolutismo, a sua causa está perdida. O tempo d'elle passou de vez.»

Nós respondemos ao collega com uma só letra, fazendo a transformação da conjuncção disjunctiva, ou na copulativa e; já vê que não póde haver resposta mais laconica do que aquella que se dá com uma simples vogal. Sim, para o *absolutismo e para a republica*, que é uma e a mesma cousa.

O que têm sido sempre a republica

castelhanos, obtemperou a todas as leis conducentes á morosa edificação do Castello, como se infere do documento que auctorisa o governador a gisar as obras e a camara a pagal-as.

Sem embargo, o Porto sempre em rebellião com os cobradores do imposto, passou pelo dissabor de soffrer um embargo na renda das Alças, por ordem do governador das justicas e armas.

Não cuide alguém que estas Alças são os suspensorios. Havia n'aquelle tempo duas coisas diversas com aquelle nome *Alça* era o que hoje dizemos *recurso, apellação e agravo*. *Alçava* se a pessoa que appellava. Mas é outra a interpretação que devemos dar ás *alças* sobre cujos rendimentos o governador fez embargo. Viterbio define-as assim no *Elucidario*: «Gastos contingentes e incertos, mas que são indispensaveis, perdas, damnos que ordinariamente se experimentam».

Mas como combinar *perdas* que tinham *rendimentos*? Não ha governo por mais lido e sabido nos methodos de desbali-

desde os mais remotos tempos? Se recuamos até á Grecia, ali temos um estado em que tres quartas partes eram escravas; se passamos á romana, que foi senão a arena constante de facções, de intrigantes politicos, de ambiciosos, e de proscriptiões?

Que foram as suas notabilidades republicanas, os Grachos, os Scylas, os Marios, os Pompeos, Cicero e Bruto?

Catóo ganhou a pretura por suborno eleitoral;—Cicero, ingrato a Cesar a quem, até, devia dinheiro, seguiu o partido de Pompeo, que nos pinta como o futuro sucessor de Scyla;—Bruto emprestava a 45 por cento, e foi o assassino, segundo é fama, de reu pae!

Se voltamos ás modernas, ás republicas italianas que anarchia! Querera o collega para typo a republica de Veneza com a sua inquisição civil, typo da outra que tanto horrorisa o collega, embora nunca nos falle na inquisição protestante?

Querera a dos Estados Unidos, theatro de todas as tratantices, subornos, ladroeiros, como o collega póde vêr, mais circunstanciadamente, em uma obra tão insuspeita, intitulada «Les Etats Unis», onde tudo vem comprovado, estatisticamente?

Querera a convenção franceza, com a sua guilhotina, com todos os seus horrores, com os seus despotismos, que não consente o *appello ao povo* na sentença de morte do bom rei Luiz XVI?

Querera a communa, com os seus sacrilegos fuzilamentos perpetrados pelos abolidores da pena de morte, com o seu petroleo, com a avidez do roubo da propriedade?

Querera a neta que *felizmente* rege a França, com o seu despotismo, com os seus ataques a todas as liberdades, á imprensa, á associação religiosa, e á *liberdade das liberdades*—como ha pouco a classificou um ministro inglez na camara alta,—que de certo não era absolutista, —a *paterna*?

Querera essa republica do cidadão Thiers que, quando a França despeja as algibeiras, para pagar ao estrangeiro, recebe uns dois milhões em indemnização da sua casa e alfaias, tendo salvado uma grande parte d'ellas? N'isto houve uma coincidencia com o cidadão Cicero, que teve tambem a sua casa reedificada a expensas do estado, por signal que foi necessario *arrasar o templo da liberdade* que n'ella se tinha edificado!

E' preciso confessar que mais nobre

zar os contribuintes, que podesse hoje em dia auferir *rendimentos* de *perdas*. Que eu saiba, semelhantes alças não andam falladas na moderna sciencia de administrar. Se o seculo XVI não fazia milagres d'este cunho «financeiro», é preciso entender por outra maneira o que eram *alças*.

Os modernos lexicografos dizem que *alça*, além de significar muitas cousas, desde o canhão da bota até á aza dos saquites das balas em terminologia dos artilheiros, póde tambem significar o dinheiro que se dá a mais do que é devido» ou «a fiança de seguro». Hade ser uma d'estas, se o leitor não quizer que sejam as outras. A meu juizo, o dinheiro depositado em caução de contractos com a camara era posto a juro, e sobre este juro é que o governador da justiça e armas cahiu com uma energia digna da inveja dos modernos ministros da fazenda.

Todavia a cidade, para se furtar ao pagamento, estava sempre levantando duvidas. A fl. 150 v. do Livro 2.º das

foi o comportamento do duque de Richelieu, quando arrasado pela primeira revolução, o *fuzilhado absolutista*, recusou em 1814, pelos grandes serviços prestados á França nas negociações diplomaticas, um importante donativo em benefício de uma instituição de caridade, apesar de necessitado e instado vivamente para o receber. Isto faz um fidalgo, porque fidalgo é quem faz fidalguias, ainda que seja absolutista.

Quererá o collega essa republica, impondo o alcorão do atheismo a uma nação catholica, ha mais de treze seculos, arrancando o filho dos braços de uma mãe, que o trouxe no seu ventre, o criou aos seus peitos, para lhe ensinar que essa mãe, ente o mais privilegiado da natureza, não é mais que uma pouca de carne, pura materia como a de qualquer animal que se corrompe? E pode haver *despotismo mais covarde* do que o d'aquelles que, em nome da liberdade, fogem á luz da intelligencia, a receiam, e não osam medir-se em torneio, porque, pela experiencia, tem a certeza da derrota? Se não a tem, porque afugentam os adversarios, e os não admittem na liça?

E' do choque das opiniões; é da disputa que nasce o esclarecimento das ideias; além de que, com que jus obrigam os propugnadores da liberdade de consciencia—*menos para os catholicos*—cada um a aprender com quem não quer? Com que direito tem a tyrannia de escravizar o pensamento?

Quererá as economias d'essa republica franceza, que já excedem em quinhentos milhões as despezas do imperio?

Não queremos fazer comparação com as diminutas despezas da legitimidade.

Quererá a ultra-selvageria das republicas hespanholas, a perenne guerra civil, com todos os seus attentados?

Já vê o collega que as republicas não são esse reinado de Astréa que imagina. Acredite que é com a antithese das republicas e do liberalismo que a sociedade se pode salvar. Não vê, como os povos do sul dos Estados Unidos vão tendo a indigestão de republica, e tendem a preferir o absolutismo de um ao despotismo de muitos?

E' com a antithese de tudo isto; é com um rei patriota, morigerado, que não cuspa nas gloriosas tradições de seus antecessores; que não esphacele a monarchia que nossos maiores dilataram e que o liberalismo tem dilacerado, desde 1820; é com a antithese do imperador do Rocio que nos roubou o Brazil; das vergonhosas cessões e abandono das colonias, ainda importantissimas da Africa e da Asia, que nós os absolutistas entregamos ao liberalismo, *intactas*, sem um palmo de menos, *antes accrescentadas*, pacificas e amantes do dominio portuguez e entregaríamos seguras e civilizadas, por que lhes preparavamos a missão d'onde se derivariam mutuos interesses moraes e materias para a metropole e para os nossos prezados irmãos do ultramar.

E', mostrando aquella limpeza de mãos de que nós demos tão brilhante exemplo, como em epocha nenhuma da monarchia; é, não legando um *só encargo* ao paiz nem um *só tributo*, poupando o pobre povo, e não o carregando com a enorme carga de que o collega nos apresenta o triste sudario de um *deficit* sem fim, quasi insolúvel—10.514:500\$000! verba superior a toda a receita publica antiga, com a qual se mantinha exercito

e marinha para nos defender e se co-steava a despeza do estado.

E' moralizando o clero que tem procurado, expressamente, desmoralizar para fazer a religião odiosa aos povos, espalhando a educação *não venenosa*—mas religiosa; firmando as verdadeiras bases da liberdade, e não estas ficções e mentiras do liberalismo de fabrica moderna para enganar os papalvos, encherem as algibeiras e satisfazerem as suas ambições, que a sociedade se pode regenerar.

O nosso estimavel collega, no seu enthusiasmo pelo moderno, exceptuando a administração do marquez de Pombal—que, na sua phrase,—*com uma situação ultra absolutista*—fez reformas intellectuaes e materias, reputa pequenos todos os homens da epocha de D. João V e os posteriores de D. Maria I e de D. João VI.

Transcrevamos o periodo:

«A generalidade dos homens politicos do reinado anterior de D. João V e dos posteriores de D. Maria I e D. João VI não fizeram mais do que mostrar a sua pequenez em todo o sentido.»

Fazendo justiça ao elevado merecimento estatístico do marquez de Pombal, temos a franqueza de dizer, que o admiramos em pontos diametralmente oppostos áquelles que captivam o collega.

Emquanto a nós, o pedestal glorioso de que ninguém o pode derrubar, é o conjunto das sabias providencias por occasião do terramoto, e o ter resuscitado esta cidade das cinzas. Parece que a Providencia permittiu que em circumstancias tão afflictivas estivesse á frente dos negocios do estado um homem tão intelligente e energico, sem o que a catastro phe nacional seria cem vezes peor.

Admiramos a energia e dignidade com que sustentou o decoro nacional em frente de nações poderosas; approvamos algumas medidas e reformas e. somos francos, reprovamos outras.

Mas, sem recusar a iniciativa ao distincto estadista portuguez, perguntaremos:—os homens notaveis que empregou para executarem o seu programma, saíram da sua cabeça ou foram os *homens pequenos* do reinado anterior?

O primeiro que fazia justiça aos *homens pequenos* era o proprio marquez de Pombal que chamava ao *homem pequeno* de D. Luiz da Cunha o seu mestre! De outro *homem pequeno* da mesma epocha fez elle o panegyrico que corre impresso.

Referindo-se ás citadas epochas, diz o collega o seguinte:

«O que elles praticaram e o que representavam, daria lugar para uma desevolvída Memoria inconciliavel com um jornal de curtas dimensões como é o nosso.»

Concordamos perfeitamente, e porisso pedimos licença ao collega para ao menos da primeira epocha dizermos alguma coisa, porque da de D. João VI cabe grande responsabilidade aos *homens grandes* do liberalismo que quasi sempre o cercaram e ajudaram a bem morrer.

Digamos, pois, duas palavras, cingindo-nos quanto possível á brevidade, sobre o rei *freiratico*, que fez Mafra e instituiu a Patriarchal.

E até aqui se estende toda a critica do liberalismo.

Sabemos que para os liberaes é crime um rei da terra levantar templos ao Rei

dos reis; trabalha-se com grande empenho em terminar a magestosa cathedral de Colonia, a Mafra com melhor gosto, da Allemanha, e ainda não vimos criticar o imperador da Allemanha, Bismark ou os allemães; felizmente ainda não havia d'estes criticos quando se levantou a Batalha e Belem. Se fosse um theatro era outra cousa;—por exemplo a nova Opera de Paris!

São gostos, uns gostões do cantochão, outros da musica profana.

D. João V *pequeno* e os homens que o cercavam, os D. Luiz da Cunha, Marco Antonio de Azevedo, os Taroucas, Brochados, Corte-Reaes, Ericairas e essa pleiade de aristocratas que, quasi por si sós, formavam uma academia a precursora da Academia Real das Sciencias, não fallando no clero e nos filhos do povo para os quaes as escolas estavam abertas liberalmente, sem as minervas, as peias, e as despezas com que lhes fecha as portas o sapientissimo liberalismo, enchendo a bocca com a educação e os costumados parlavões!

Concordamos com o collega que os actos d'este reinado formariam uma desevolvída Memoria, mas discordamos na apreciação dos factos. Somos francos, não somos partidarios; embora não folgemos de encontrar erros onde estimariamos encontrar a virtude e o exemplo, não podemos louvar todas as acções d'aquelle Rei que alguns tem apaixonadamente querido classificar de hypocrita, por conciliar, ou antes por não poder vencer as fraquezas de homem em lucta com a sua devoção; como, porém, nos é agradável, seja qual for, attenuar a culpabilidade historica, quando para isso temos elementos, diremos que estes erros tiveram lugar, quando o monarcha, dos 25 aos 28 annos de idade. Ora, quem não tem fraquezas? Quem as não tiver, atire a pedra! Ella, porém, não virá bem impellido da parte d'aquelles que saltaram, profanaram conventos, roubaram freiras, coabitaram com ellas e d'ellas reconheceram filhos!

Mas, a mais vehemente a accusação que fazem a este pobre rei, que ahí jaz estendido no *real armazem mortuario* de S. Vicente, condemnado todos os annos, em um certo dia, a presenciar as caturrices que se fazem ao neto, o imperador do Rocio, por aquelles que largaram a pedra (alludimos a certas amabilidades trocadas de parte a parte no theatro de S. Carlos em 1833) para empunharem o thuribulo, ao neto que começou a desmembração de Portugal, pelo roubo do Brazil, d'onde o avô ainda teve forças para expellir os francezes—repetimos, a mais vehemente accusação é a sua excessiva generosidade ou mãos prodigas, principalmente com a Igreja.

Mas, essas riquezas, em grande parte, ahí ficaram e o liberalismo revoltado por causa d'esta *gula ecclesiastica*, e recheio d'uma indigestão, deu aos padres um emetico, e obrigou-os a vomitarem essas riquezas nas algibeiras dos espertos, dos estrangeiros e dos agiotas!

Mas, quem castigo maior, pena mais exercuciante, reparação mais dura do que assistir todos os annos a esta ridicula patuscada liberal?

A prodigalidade é um vicio que nasce de uma virtude—a generosidade—é o excesso d'ella. Não negamos que a justa medida é o conveniente, tanto no particular como na cousa publica; porém, quantas vezes o homem não póe cohi-

bir-se, parecendo que a prodigalidade está na sua constituição?

Quando se fez a autopsia de D. João V, duas cousas se encontraram,—ossificação dura de craneo, e coração de extraordinaria grandeza.—E d'aqui inferimos que aquella campã ossificada cobre cuidadosamente um cerebro, que foi aptissimo para a concepção, e um coração que não cabia no peito e, querendo romper a epiderme, procurava largo estadio para o sentimento e acções grandes e generosas. Fallar em prodigalidades de D. João V, na epocha que atravessamos, é irrisorio!

Acredite o nosso estimavel collega que estas tão apregoadas prodigalidades não foram desperdiçadas só no culto divino a que hoje o liberalismo chama superstição, fanatismo e mentiras do catholicismo,—por isso as avalia tão inuteis—; mas, em grande parte, no auxilio da pobreza, na sustentação da independencia nacional, na protecção ás sciencias, ás letras e bellas artes, industria, commercio, obras publicas e manutenção da dignidade nacional.

Acredite, collega, que D. João V, na paz e na guerra, desempenhou o officio de um bom rei. Esse dinheiro tão chegado, foi constantemente, nos casos ordinarios, levar o allivio no tegurio do pobre e, nos extraordinarios, acudir,—sem commissões,—de prompto, á calamidade publica; diga o Campo Maior com a sua explosão de pólvora, motivada pelo raio, vendo todos soccorridos, as casas edificadas; diga-o Beja com a sua esterilidade;—diga-o Peniche.

Quanto proteja a pobreza, diga-o o hospital real; digam-no as Cullias, as Misericordias, e os donativos a instituições pias, e a particulares. Mas, D. João V não se limitava a soccorrer com a sua bolsa os desvalidos; quiz partilhar os perigos e desgraças do seu povo. Uma horrivel peste ataca a cidade; enfermam quasi parochias inteiras, e o rei com coração pio e real acode a todos com medicos, remedios, dinheiros, esmolas aos que não podem trabalhar! Mas, ainda aqui não está tudo, aconselham-lhe os medicos que se retire da corte, e elle resiste aos que com intimativa o aconselhavam a que se retirasse o remedio do reino com a sua vida; respondendo: *Que não era de rei piedoso desamparar em similhante occasião dos seus vassallos.*

Ha de convir; quem tulo isto praticou, amava do coração os seus subditos, e é digna a sua memoria de ser respeitada. E são os homens da sciencia que, com a mais leia ingratidão, mordem na reputação de um rei, como D. João VI! Quem protegeu mais as sciencias e as letras? Declara-se protector da Universidade de Coimbra, ao que se liga por juramento; manda vir mathematicos de fóra; funda uma academia a que dá privilegios, á qual encarrega a historia sacra e profana de Portugal; assiste ás suas conferencias; convoca a ao seu paço; seguindo o exemplo de D. Manuel, reforma os documentos da Torre do Tombo, que, se hoje existem, deve-se aos benemeritos empregados d'este tão rico como desprezado archivo; faz imprimir por sua conta volumosas e importantes obras, tanto de portuguezes como de estrangeiros que lhas dedicam; protege a imprensa que mandou ir ao seu paço, para ver trabalhar e pretende comprar um segredo para o seu aperfeiçoamento. Amplia a diminuta bibliotheca da Casa de Bragança com numerosas e riquissimas obras; funta a casa,

Chapas vê-se que a camara duvidava pagar aos soldados com dinheiro do cofre das sete chaves que estava em S. Francisco. Logo adiante, a pag. 154, é obrigada a cidade a pagar; porém, como os soldados se atiravam ao pagador e lhe tiravam violentamente o dinheiro, o governo mandava devassar dos salteadores, corroborando, não obstante a continuação do tributo.

Em 1647 ainda a igreja parochial de S. João da Foz convisinha do Castello. D. João IV deu do seu bolcinho para a nova igreja seis mil cruzados, e os frades benedictinos de Santo Thyrsó, cujo era o couto da Foz, pagaram as restantes despezas. A igreja velha foi deruida salvante a capella-mór que sobre-esteve para o culto do presidio.

Entre papeis velhos que foram do cartorio de Tibaens encontrei, relativo á demolição da igreja do Castello, a seguinte provisão que não corre impressa:

«D. João por graça de Deus, etc. Faço saber a vós corregedor do crime da

Relação e casa do Porto que por quanto com ordem minha se derrubou a igreja do logar de S. João da Foz que servia de administrar os sacramentos e culto divino aos moradores d'aquelle logar, que era annexa do mosteiro de Santo Thyrsó de Riba d'Ave da ordem de S. Bento para fortificação da fortaleza do dito logar; e ficaram em seu ser as imagens, retabulos, caixões, sinos e o mais que havia na dita igreja a tempo que foi derribada, que sou informado que tudo está guardado: vos mando que tanto que esta receberes faças logo entregar ao abbade do dito mosteiro de Santo Thyrsó ou aos religiosos que tiverem ordem sua ou do D. Abbade geral para receber as ditas cousas, declarando-lhe que tratem logo de as cobrar com cominação de correr o risco e damno por sua conta, sobre a qual entrega e mais diligencia referida fareis fazer os autos necessarios, que enviareis com toda a brevidade á junta dos tres estados do Reino para me ser presente como n'isto se procede. El-

rei nosso Senhor o mandou pelos bispos eleitos do Porto e de Miranda ambos do seu conselho. Miguel de Azevedo a fez em Lisboa aos 14 de fevereiro de 1648. *Sebastião Cesar de Menezes, D. Pedro de Menezes.*

Se as imagens da velha igreja passarem á nova como devemos conjecturar, veneranda antiguidade contam aquelles retabulos que não tiveram até agora, nem sei se a merecem, alguma consideração da arte. Bem póde ser que o tempo e o menos preço hajam sido injustos com alguns nomes que ainda alcançassem o reinado dos ultimos monarchas da dynastia d'Aviz.

Ahi ficam bosqueadas umas notas subsidiarias para quem mais esparcialmente quizer historiar a formação do Castello da Foz:

No tocante ao seu governo interior deparam-se nos ainda algumas noticias na *Corographia* do padre Carvalho, tom. 1.º pag. 360.

Ha 160 annos que o livro foi escri-

pto. N'aquelle tempo os quatro baluartes e o revelim eram artilhados com dezoito peças, doze de bronze e seis de ferro. Além dos artilheiros que venciã a 80 reis por dia, presidiavam-n'a quarenta soldados, commandados por um alferes. Na casa dos condes de Penaguião estava, desde D. João IV, o governo da fortaleza, com treze mil reis de soldo mensal. Os navios estrangeiros pagavam ao governador dous cruzados de sahida e cinco tostões de entrada. Navios portuguezes o minimo que pagavam eram dois mil reis. Os barcos de pescaria eram cizados no melhor peixe que trouxessem. As caravellas de sardinha pagavam um cento do seu pescado á entrada, e um tostão á sahida. Os hiates de sal e cal tributavam para o governador dous alqueires.

C. CASTELLO BRANCO.

que admiramos, da bibliotheca de Coimbra, para a qual compra quatorze mil cruzados de livros; a de Mafra e a dos Congregados. A primeira ardeu por occasião do fogo do terramoto; as tres ultimas felizmente escaparam ao incendio de 1733. Dá 200,000 reis annuaes á casa de Santo Antão para compra de livros para se distribuirem como premio pelos discipulos que mais se avantajassem no estudo. Mas, terminemos dizendo: o proprio rei quer alistar-se entre os homens de letras aceitando o diploma de socio da Arcadia de Roma com o nome de Pastor Albano, e deixando-nos uma produccão sua litteraria digna da sua alta jerarchia.

Tratando da sua protecção ás bellas artes, limitamo-nos a dizer que Roma e a França vasavam, para satisfazer a sua avidez, as suas mais bellas produções, na nossa patria, sendo seus commissarios em Paris os intelligentes Mariettes

Essa Mafra tão criticada foi a escola, d'onde sahiram os Machados, Vieiras e outros; a estatua equestre é obra de um *homem pequeno* do tempo de D. João VI!

Temos que capear as velas, ainda que com pouca vontade; passemos a outra fazenda da vida do rei *freiratico*. Amigo da paz, não recebeu a guerra, quando o exigia a politica ou o decoro nacional. As nossas armas entraram em Madrid; brilharam em Corfú; souberam manter a integridade da monarchia na Asia, na Africa e na America, conservando em obediencia os indigenas e expellindo os inglezes, os hollandezes e os francezes. Estabeleceu arsenaes; reformou fortalezas e nestas erigiu academias militares para ensino da arte da guerra.

E, com que decoro não sustentou a dignidade nacional?! Intentam fragatas inglezas surtas no Tejo seguir um navio genovez, e sessenta tiros da torre e quatorze homens mortos mostram que a casa ainda tinha dono. Compare, collega, este facto com as vergonhosas negociações do abandono das fortalezas para obter a expedição Clinton, e o Charles George, e diga-nos quaes são os *homens pequenos* e quaes eram os *homens grandes*.

A titulo de immuniades intentam os embaixadores de quatro nações poderosas, Inglaterra, Alemanha, Hespanha, e o plenipotenciario de Hollanda embargar que o juiz do crime da Ribeira passasse pelas suas portas; e, por carta sua de 20 de janeiro de 1710, manda intimar aquelles ministros que, dentro de quatro dias, sahisses da corte, para as suas justicas andarem livremente pela cidade. Tendo feito guardar a habitação d's mesmos, para os salvar de qualquer insulto popular, á vista da attitudde do rei desistiram da pretensão.

Temos que terminar, lembrando ao collega que a sua protecção se estendeu ao commercio, agricultura, obras publicas, avultando entre estas o magestoso aqueducto, a obra do Tejo, a valla da Azambuja, e a fabrica da Marinha Grande que é do seu reinado, e a das sedas do Rato, que o seu successor augmentou, e possuia ainda, se somos bem informados, em 1833, em galão de ouro e sedas a bagatella de 1600 contos, que se evaporaram não sabemos como; talvez como 40 milhões que, dizem, faltaram nas primeiras contas.

Isto é uma parte e muito diminuta do que podiamos dizer d'este reinado, que não é tão péco como alguns julgam. Pedimos desculpa ao collega da extensão do artigo; pôde comtudo servir a alguns mancebos que prefiram ler historia a romance.

Acredite, collega, que nós não somos *pequenos*, mas desgraçadamente *pequenos* em tudo! Enganámo-nos; somos *grandes* em derribar o magestoso edificio que nossos maiores com tanta intelligencia, com tanto valor, com tanto patriotismo, ergueram, tornando Portugal tão respeitado quanto hoje está anemico, dividido e desprezado.

GAZETILHA

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Lembramos aos nossos assignantes, que ainda estão em divida de suas assignaturas, a fineza de a saldarem até ao fim do corrente mez de dezembro,—com o que muito nos obsequiarão.

Mais uma vez pedimos aos que estão em atraso de mais d'um anno, o prompto pagamento de seus debitos, pois nos causam grandes embarços, como devem

suppor. Esperamos que attendam a este pedido justissimo.

Subscrição para o sr. Francisco Pereira d'Azevedo, aberta em casa do sr. Manoel José Vieira da Rocha.

Transporte 105\$700

Recebi da Relação do «Commercio do Minho», que lhe foi remettido pelo ex.^{mo} sr. José Leite Ribeiro Freire, de Coimbra 1\$600
Do sr. Francisco Vicente Pereira de Sousa 800
Do sr. padre Antonio Luiz da Rocha, de S. Jorge 1\$000

109\$100

Fica fechada a subscrição a favor do sr. Francisco Pereira d'Azevedo, porque foi Deus servido chamal-o á Sua Divina presença no dia 27 do corrente, ás 7 horas da manhã.

Braga, 29 de dezembro de 1879.

Manoel José Vieira da Rocha.

Fallecimento.—Recebemos com grande dôr, com quanto nos não surprehenesse, a noticia do passamento do nosso tão infeliz quanto benemerito collega da «Propaganda Catholica», o sr. Francisco Pereira d'Azevedo.

Poucos haverá entre os nossos leitores, que não conhecessem aquelle indefesso propugnador dos saos principios religiosos e sociaes, a quem a causa que defendemos deve tantos e tão inestimaveis serviços, que Deus terá, cremol-o piamente, recompensado.

A sua vida foi um constante labutar na vinha do Senhor. A sua morte foi a do justo.

Paz á sua alma.

Aos leitores pedimos que nas suas orações se lembrem de Francisco Pereira d'Azevedo.

Outro.—Falleceu tambem uma filha do sr. José Joaquim Soares Russel, joven formosissima e muito prezada.

Comprimntamos a illustre familia anojada.

Outro.—Por 1 hora da madrugada d'hontem, falleceu a ex.^{ma} sr.^a D. Antonia da Graça Abreu da Motta Alvim, virtuosa esposa do sr. Antonio Domingues Alvim, honrado pharmaceutico d'esta cidade.

Contava apenas 36 annos d'idade.

Tem hoje, por 3 horas da tarde, officios na capella do cemiterio publico.

Ao desolado esposo os nossos pezames.

Assassinato.—Ha dias foi assassinada com um tiro de pistola uma infeliz, de 19 annos d'idade, da freguezia de S. Martinho do Valle, concelho de Villa Nova de Famalicão.

O assassino é Manoel de Margarida, de S. Thiago da Cruz. O crime foi perpetrado na propria casa da infeliz, n'um serão em que estava o assassino e outros companheiros. Nem aquelle nem estes poderam ser ainda capturados.

Baile de mascarar.—Na proxima quinta-feira, 1 de janeiro, terá logar o primeiro baile de mascarar, no salão do theatro de S. Gerardo.

Esmola.—D'um caridoso anoymo d'esta cidade recebemos a quantia de 10,000 reis para distribuirmos pelos pobres, por occasião da festa do Natal.

Em nome dos soccorridos agradecemos de todo o coração a generosidade do cavalheiro a que alludimos.

No proximo n.º daremos a lista das pessoas soccorridas

Jornal de Viagens.—O summa-rio do n.º 31, ultimo recebido, é o seguinte:

Texto: Os dramas do ar: O incendio—Estudos geographicos: Os Estados-unidos da America—Assumptos de geral interesse: O futuro da Africa—Contos e legendas do Universo: a legenda do Castello d'Almoural—O Japão Pittoresco: Os Portuguezes no Japão introduzem as armas de fogo—Viagens ás Cidades dos mortos: Herculanium—Tragedias do mar: Os Mandarins Siamezes—Aventuras de terra e mar: O Vulcão nos Gelos—Estudos geographicos: As Terras Areticas.

Chronica: Os pivos que desaparecem—A caverna de gelo do Dobschau—Comparação das erupções flaviaes.

Ilustrações: Os dramas do ar: O Incendio—O Japão pittoresco: Soldados ja-

ponezes antes da introdução das armas de fogo; Typos japonezes; Uma rua da capital—Herculanium: Talhas de barro encontradas nas escavações—Terras areticas: Uma noite de luar nas regiões polares.

A's almas bemfazejas.—Pede-se por caridade uma esmola para o infeliz José Maria, morador defronte da capella de S. Miguel-o-Anjo, casa n.º 3, empregado que foi no Seminario de S. Caetano, e hoje se acha paralitico sem poder articular palavra, e impossibilitado de todo o trabalho.

A' caridade publica.—Muito recommendamos ás pessoas caridosas o infeliz Antonio Marques da Costa, morador na rua de S. Miguel-o-Anjo, casa n.º 4, 3.º andar, que se acha na maior necessidade e doente, vivendo só da caridade das pessoas que o soccorrem com alguma esmola.

A's almas caritativas.—Recomendamos e muito ás pessoas caritativas a desventurada Maria José da Silva, moradora na rua dos Sapateiros, n.º 7. Vive em extrema penuria, e padece de doença incuravel.

A' caridade publica.—Indigná-nos á caridade publica Antonio Rodrigues, solteiro, morador na rua das Palhoas, n.º 15, o qual se acha doentissimo e na miseria extrema.

AGRADECIMENTO E DECLARAÇÃO

O abaixo assignado, summamente pehorado pelos relevantes serviços que, sem o merecer, lhe prestaram muitos dos seus numerosos amigos por occasião do seu julgamento como editor responsavel do «Commercio do Minho», aqui lhes deixa um testimonho perpetuo de sua profunda e cordeal gratidão: e declara que, desde hoje em diante, deixa de ser o editor responsavel do dito jornal.

Braga, 30 de dezembro de 1879.

Luiz Baptista da Silva.

DESPEDIDA

Luiz José Dias, tendo de se retirar para Lisboa e não podendo despedir-se pessoalmente de todas as pessoas da sua amizade, o faz por este meio, protestando a todas a maior estima, e offerecendo-se na capital para tudo em que poder ser prestavel.

AGRADECIMENTOS

Os abaixo assignados agradecem por este meio, por o não poderem fazer pessoalmente, a todas as pessoas que de bom grado nos dias 21 e 22 d'este mez se dignaram acompanhar e assistir aos officios funebres na igreja dos Congregados, assim como ás pessoas de suas relações, que durante a enfermidade se interessaram pelas melhoras da nossa muito prezada e chorada esposa, mãe, filha, irmã, sobrinha e cunhada, Maria das Angustias da Cunha Pinheiro: a todos protestam a sua gratidão.

Francisco Alves Pinheiro.

Antonio Alves Pinheiro.

Maria da Luz Cunha

Antonio José Veiga.

Maria das Neves Pereira da Cunha.

José Pereira da Cunha. (2759)

ANNUNCIOS

DECLARAÇÃO

O padre José da Costa e Oliveira, da Covilhã, declara, que do dia 1.º de janeiro de 1880 em diante se assignará—padre José da Costa e Oliveira Pinto—, tomando a responsabilidade de todas as assignaturas até então firmadas com o nome de que presentemente usa.

Covilhã, 23 de dezembro de 1879.

(2756)

VENDA DE CASAS

Vende-se uma morada de casas na rua de S. Domingos n.º 5, antiga rua do Assento, na freguezia de S. Victor.

Quem a pretender falle na rua de S. Victor, com Clemente José Fernandes.

(2757)

SOCIEDADE DEMOCRATICA RECREATIVA

São convidados os snrs. socios e suas exm.^{as} familias para assistir á Conferencia familiar, que na casa da Sociedade se hade verticar ás 7 horas da noite de 31 do corrente, pelo Ex.^{mo} Dr. Pereira-Caldas.

PROGRAMMA:

Educação materna em correlação com a influencia moral da mulher na sociedade, exemplificada em mulheres memoraveis.

Braga, 28 de dezembro de 1879.

(2758)

ARREMATACÃO

A Direcção do theatro de S. Gerardo, faz publico que resolveu pôr em arrematação o mesmo theatro para bailes de mascarar, a contar desde o dia 1.º de de janeiro proximo até igual data de fevereiro. Quando assim não convenha aos licitantes, accetam se propostas para os bailes que devem ter logar nos dias 1, 8, 9 e 10 de fevereiro.

A arrematação verificar se-ha no mesmo theatro, pelas 11 horas da manhã do dia 4 de janeiro proximo.

Antonio Santos Azevedo Magalhães.

Antonio José Pereira de Magalhães Junior.

Antonio Maria Peixoto Vieira.

(2760)

EDITAL

A Camara Municipal d'esta Cidade e Concelho de Braga

Faz saber, que fica espaçada para o dia 2 de janeiro proximo futuro pelas 12 horas da manhã, no Paço do Concelho, por não convir o preço offerecido, a arrematação da conducção dos cadavers dos pobres ao Cemiterio, que se achava annunciada para o dia de hoje.

Braga 27 de dezembro de 1879—E eu Antonio Manoel Alves Costa, Escrivão da Camara, o subscrevi

O Presidente

Joaquim José Malheiro da Silva.

EMPRAZAMENTO

Como são constantemente, por alguns meus collegas e notoriamente pelo contraste do ouro, desacreditadas as minhas obras que contemham a marca particular de garantia; emprazo solememente este e aquelles para que apontem aqui, ou no poder judicial, qualquer objecto, vendido depois de aberto o meu estabelecimento, que não tenha as seguintes condições:—1.ª que o ouro exteriormente ensaiado seja inferior ao mercado pelo contraste do Porto; 2.ª que o seu fabrico esteja viciado por qualquer forma.

Dou-lhes a minha palavra d'honra que, caso appareça algum lóra d'estas condições, não apresentarei para represalia outros marcados pelo contraste: para os meus collegas o meu fim não é este.

Se tenho procedido a comparações entre algum objecto meu, desacreditado pelo contraste e outro por elle marcado; é para não perder o credito e os freguezes. Assim aconteceu no dia 20.—Vendi um objecto ôcco, com a minha marca e garantia. A compradora foi ao contraste, o qual pezando-o a 389 rs. a gramma, disse: «Leve o objecto a quem lh'o vendeu e vá comprar a outra parte»—Logo que isto sube, mandei por segunda pessoa comprar um objecto d'igual natureza, marcado pelo contraste; convidei uma pessoa de certa consideração, e na sua presença e de mais algum foram derretidos os dois objectos. Depois d'ensaiados ficou o segundo no toque relativo ao valor de 205 reis a gramma, tendo sido pesado a 467 reis: o meu ficou no dobro do valor e toque, sendo pesado como já referi!

Ficaes por este meio emprazados, destructores do meu credito. Acabemos com isto: ou eu, ou vós.

Braga 22 de dezembro de 1879.

(2752) Antonio Casimiro da Costa.



RAPE

Rapé meio grosso, botes de 250 grs. 240
 Rapé vinagrinho „ „ 250
 Rapé secco „ „ 250
 Rapé Rosa „ „ 250

TABACARIA

RUA DO CARVALHAL N.º 50
 BRAGA. (2724)

Caixa penhorista Bracarense na Travessa de D. Gualdim d'esta cidade.

Continua a emprestar dinheiro sobre penhores todos os dias desde as 8 horas da manhã até ás 9 da noite na mesma caixa.

Vende-se roupas
 Pede-se a todos os mutuários que tiverem objectos empenhados na mesma caixa com atrazo de juros de tres mezes os venham pagar ou resgatar, senão serão vendidos.

PEDIDO

A Meza do Real Sanctuario do Bom Jesus do Monte roga a todas as pessoas amadoras e possuidoras de jardins, que tenham superabundancia d'arvores de adorno, arbustos, camelias ou outras quaesquer plantas, se dignem favorecer com ellas o mesmo Sanctuario, para embellezar este tão pittoresco local; dando parte ao thesoureiro o snr. Manoel José Rodrigues de Macedo, rua do Souto, n.º 42, n'esta cidade de Braga para a Meza enviar pessoa competente que do sitio que lhe fór indicado as traga com o necessario resguardo. A Meza, esperando que este pedido será attendido, fica desde já agradecendo qualquer offerta que n'este genero lhe fór dada.

Em nome da Meza—O procurador
 Antonio Alves dos Santos Costa.

INJECCAO BRAGA.

Esta maravilhosa injeccão, como calmante, é a unica que não causa apertos d'uretra, curando todas as purgações ainda as mais rebeldes como muitas pessoas o podem attestar.

Deposito em Braga na pharmacia Braga—Esquina de Santa Cruz—40.
 Porto—Cardoso—Praça de D. Pedro—113. (2631)

BREVE COMPENDIO DE ORAÇÕES E DEVOÇÕES

ADOPTADAS PELOS MISSIONARIOS
 QUARTA EDIÇÃO

Novamente correcta e muito augmentada com novas orações e devoções indulgenciadas, e concedidas posteriormente á ultima Raccolta.

Com approvação de S. Exc.^a Revm.^a Snr. D. Joao Chrysostomo d'Amorim Pessoa, Arcebispo Primaz.

Vende-se em Braga, na typographia Lusitana, rua Nova n.º 4, e nas livrarias de Manoel Malheiro, rua do Almada, Porto, e Catholica, de Lisboa.

Preço=160 em brochura, e 240 encadernado.

FOLHINHA ROMANA

Já se acha á venda para o anno de 1880; em Braga no escriptorio da Typographia Lusitana, rua Nova n.º 4, e em casa do snr. Bernardino José da Cruz. Vestimentaria Rocha e Viuva Germano, rua do Souto, e na loja do snr. Clemente José Fernandes Carneiro, rua de S. Victor, e em todas as mais localidades do costume: preço 140 rs.

Nas mesmas casas e localidades devem achar-se opportunamente as folhinhas Bracarenses, e Almanach Civil ou de algeibra.

ALUGAM-SE

Os altos da casa da rua do Campo, n.º 22, com bons commodos para uma numerosa familia, agua encanada e bellas vista. Quem pretender dirija-se á mesma. (2716)

HOGG, Pharmaceutico, rue Castiglione, n.º 2, em Pariz, unico proprietario do

OLEO DE HOGG

OLEO NATURAL DE FIGADO DE BACALHAO



As experiencias feitas durante mais de vinte annos, tem provado que este oleo é de uma efficacia certa, contra as molestias do peito, a **Tisica**, **Bronchitis**, **Prisões do ventre**, **Catarrhos**, **Tosses chronicas**, **Affecções escrofulosas**, **Tumores glandularios**, **Molestias da pelle**, **Empigons**, **Fraqueza geral**, e tambem efficaz para fortificar as crianças fracas e delicadas. É agradável e facil de tomar.

Deve-se desconfiar dos oleos falsarios e principalmente de todas as composições *(preparados pela especulação)* para substituir o oleo natural, com o pretexto de tornal-o mais efficaz o mais agradável, cujo resultado é cansar e irritar o estomago inutilmente. Ests oleos são até peigosos.

Para se ter certeza de tomar o *verdadeiro oleo de figado de bacalhao natural e puro*, deve-se comprar somente o **OLEO DE HOGG**, que se vende em vidros triangulares (o modelo foi depositado em Lisboa, segundo a regra da lei).

Deve-se exigir o nome de **HOGG**, e de mais, o certificado do snr. LESUEUR, *Chefe dos trabalhos chimicos da Faculdade de Medicina de Pariz*, que vai impresso no rotulo colado em cada vidro triangular. O oleo de Hogg vende-se em todas as principaes Pharmacias.

Dep. siliarios: Em Lisboa, Pharmacia **AVELLAR**, rua Augusta, 225-227; No Porto, **FERRERA e IRMÃO**, Bath. ria, 77-79;—Em Coimbra, **J. L. M. FERRAZ**, Largo do Castello.

Gran éxito en Paris

VELOUTINE CH^{les} FAY

POLVO DE ARROZ ESPECIAL PREPARADO CON BISMUTO
 INVISIBLE Y ADHERENTE, dá el óctis frescura y transparencia.

INVENTOR CHARLES FAY, 9, RUE DE LA PAIX, PARIS

Se vende en las Farmacias, Perfumerias, Peluqueras y tiendas de quincalla.

Desconfiar de las falsificaciones.

MOUREA

BRAGA

RUA DE S. MARCOS, N.º 5.

Vende papeis pintados para guarnecer sallas, lindissimos gostos, a principiar em 80 reis a peça.

Vende olio, tintas e vernizes para pinturas de casas, tudo de boa qualidade, e preços muito resumidos.

Vende cimento romano para vedar aguas, gesso para estuques de casas, tudo de primeira qualidade.

SYSTEMA FELIZARDO LIMA

CARTILHA INFANTIL

Arte de aprender a escrever e ler em vinte lições, tanto menores como adultos; experimentado em muitas localidades do paiz com optimos resultados, e a par dos ultimos progressos da filologia e linguistica. Preço 500 rs.

Aos snrs. professores dá-se a commissão de 15 p. c. fazendo seus pedidos aos editores do SYSTEMA FELIZARDO LIMA=Fafe.

A' venda nas principaes livrarias do Porto, Lisboa, Vianna, Coimbra, e em Braga na Typographia Lusitana e em casa de Julio Mattos, rua Nova de Sousa n.º 44.

Precisa-se de empregados de ambos os sexos que tenham reconhecido bom comportamento, aos quaes se dará ordenado não inferior a 120\$000 reis, depois d'uma pratica de dez dias. Dirigirem-se a Fafe, casa de Sá, a Felizardo Lima.

VENDE-SE

A casa n.º 21 da rua do Souto, d'esta cidade de Braga. (2722)

ARMAÇÃO DE LOJA

Vende-se uma boa armação de loja, com o respectivo balcão, na rua do Souto, antiga Livraria Catholica. Trata-se com o solicitador Torres. (2750)

CADA VOLUME:

1.º vol. br. orn. de 9 grav.	1\$870
2.º „ „ „ „ 6 „	1\$665
3.º „ „ „ „ 7 „	1\$605
4.º „ „ „ „ 5 „	1\$525
5.º „ „ „ „ 6 „	1\$615
6.º „ „ „ „ 6 „	1\$690
7.º „ „ „ „ 6 „	1\$640
8.º „ „ „ „ 6 „	1\$615
9.º „ „ „ „ 6 „	1\$565
10.º „ „ „ „ 6 „	1\$615
11.º „ „ „ „ 6 „	1\$610
12.º „ „ „ „ 6 „	1\$815

13.º E ULTIMO, ornado de 6 gravuras, brinde a todos os assignantes, no prelo, GRATIS.

Das 81 gravuras de que consta a obra estão tiradas 45, pertencentes aos vol. 1 a 7.

Este decimo terceiro volume será distribuido depois de completo e brochado a todos os assignantes que tenham pago o decimo segundo volume

Os assignantes tem as seguintes vantagens:

Garantia e certeza do complemento da obra, e poder receber como e quando quiserem, por entregas, por fasciculos ou por volumes.

LISBOA:—A assignatura póde fazer-se por entregas, fasciculos, e por volumes. O assignante receberá uma entrega de duas folhas por semana, pelo menos, e as gravuras que lhe convier, pelos preços acima marcados, pagando ao distribuidor no acto da entrega a sua importancia.

PROVINCIAS E ILHAS:—A assignatura póde fazer-se por fasciculos e por volumes. O assignante receberá o primeiro fasciculo ou volume franco de porte, e só depois de recebidos mandará satisfazer a sua importancia em estampilhas, valles do correio ou ordens, na certeza que não receberá o segundo sem que tenha satisfeito o primeiro, e assim successivamente.

As pessoas tanto de Lisboa como das provincias e ilhas que angariarem DEZ ASSIGNATURAS REALISAVEIS terão UMA GRATUITA, dirigindo-se directamente ao editor.

Assigna-se no escriptorio do editor—rua dos Douradores, 72, LISBOA; me BRAGA, na livraria Internacional de Eugenio Chardron, e nas principaes livrarias do reino, ilhas e Brazil.

Francisco Arthur da Silva—editor
 72, rua dos Douradores, 72—LISBOA.

Thesouro do cosinheiro, confeitiro e copeiro

ou collecção de varias receitas com applicação á arte de cosinha, confeitaria e copa, e geralmente util para uso de todas as familias—Precedido das regras que se devem observar em pôr a meza e servir a ella, ainda nos banquetes de mais etiqueta, e ampliado com o methodo de trinchar e fazer conservas, fatias douradas, vulgo, rabanadas—3.ª edição muito augmentada.

Um volume de 319 paginas, com gravuras intercaladas no texto, 500 reis brochado, ou 800 reis com uma linda encadernação de paninho.

E' o mais util brinde que por occasião das festas do Natal e anno Bom se póde offertar ás familias.

Para a mocidade tambem lembramos o resumo da HISTORIA BIBLICA ou narrativas do Velho e Novo Testamento, pelo Bispo do Pará, illustrada com 200 estampas e um mappa da Terra Santa.

Esta utilissima publicação, que explica com clareza todos os trechos da Biblia, está approvada por todos os snrs. bispos da Suissa, França, Italia, Brazil, e pelo excm.º D. Americo, cardeal bispo do Porto.

E' um elegante volume de 290 paginas nitidamente impresso em papel superior.

Preço: Cartonado 400 reis; encadernado em paninho com o titulo dourado na pasta 700 reis; a mesma encadernação, dourado pela folha, 1\$000 rs.

Todas estas encadernações são de bonito gosto.

Qualquer d'estas obras será remetida pelo correio, franco de porte, a quem enviar a sua importancia em estampilhas de 25 reis á livraria dos editores Viuva Jacintho Silva & C.^a, 134, rua do Almada, 138, Porto.

RESPONSAVEL—Luiz Baptista da Silva

BRAGA, TYPOGRAPHIA LUSITANA—1879

Empreza editora de Francisco Arthur da Silva—Lisboa.

BRINDE

A TODOS OS ASSIGNANTES

DA

HISTORIA UNIVERSAL

POR

Cesar Cantu

Desde a criação do mundo até 1862—continuada até 1879 por

D. NEMESIO FERNANDEZ CUESTA;

Com a noticia dos factos mais notaveis relativos a PORTUGAL E BRAZIL Traduzida da edição franceza de 1867 e acompanhada da versão das citações gregas e latinas, e annotada por

Manoel Bernardes Branco

Da Academia Real das Sciencias de Lisboa; professor das linguas grega e latina, etc.

2.ª edição, illustrada com 81 gravuras primorosamente executadas.

13 volumes in-4.º grande.

O editor proprietario d'esta publicação, grato aos favores do publico, e comprehendendo a necessidade de publicar um 13.º volume para que esta 2.ª edição da HISTORIA UNIVERSAL fique mais completa, resolveu offerecer aos snrs. assignantes que o auxiliaram n'esta empreza e áquelles que de hoje em diante o continuarem a coadjuvar, como BRINDE o decimo terceiro volume, contendo trinta e cinco capitulos, seis gravuras e dois indices, sendo o primeiro chronologico e remissivo de toda a Historia Universal, servindo para a procura dos factos que n'ella vem exarados, e o segundo alphabetico, contendo os nomes de todos os homens notaveis que figuram na historia, e os titulos geraes de todas as materias, servindo de auxilio ao primeiro

Comprehendendo a narração desenvolvida dos acontecimentos historicos occorridos desde 1851 até 1879, escriptos em hespanhol por D. Nemesio Fernandes Cuesta, e accrescentados na parte que diz respeito a Portugal e Brazil, por Manuel Bernardes Branco.

Fica portanto completa a segunda edição da HISTORIA UNIVERSAL, em treze volumes in-4.º grande e custará:

Brochada 20\$000 reis fortes

Encadernada 27\$000 „ „

Para facilitar a acquisição d'esta tão importante obra ás pessoas menos abastadas que a não possam comprar de uma só vez, o editor deliberou conservar aberta a assignatura em Portugal e no Brasil.

Cada folha de 16 paginas a duas columnas, 50 rs.—Cada gravura primorosamente executada, 40 rs.

Condições da assignatura:—A assignatura póde fazer-se por entregas de duas folhas, e as gravuras como convier—por fasciculos de cinco folhas e uma gravura, e por volumes brochados.—Cada entrega de 32 paginas e 1 gravura, 140 rs.—Cada fasciculo de 80 paginas e 1 gravura, 290 rs.